

José Reis e o movimento de introdução das feiras de ciências no Brasil

José Reis and the movement to start science fairs in Brazil

Danilo Magalhães | Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia

danilo.magalhaes@bioqmed.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0001-7432-9392>

Luisa Massarani | Fundação Oswaldo Cruz e Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia

luisa.massarani@fiocruz.br

<https://orcid.org/0000-0002-5710-7242>

Jessica Norberto Rocha | Fundação Centro de Ciências e de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

jessicanorberto@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-9754-3874>

Resumo José Reis (1907-2002) foi um cientista e divulgador científico com atuação de destaque na construção da ciência e da divulgação científica no Brasil. Neste artigo, abordamos a atuação de Reis no processo de introdução das feiras de ciências no país, especialmente entre os anos de 1948 e 1973 (datas do primeiro e último texto de Reis sobre o tema). Analisamos um conjunto de textos publicados pelo autor no jornal *Folha de S.Paulo*, do qual Reis foi diretor de redação entre 1962 e 1967, a cobertura que a *Folha* e outros jornais deram às feiras brasileiras, além de outras fontes primárias (do Acervo José Reis) e bibliográficas. Observamos como ele disponibilizou a estrutura do jornal para a cobertura das feiras durante a década de 1960, como adotou um estilo mobilizador em seus textos de divulgação científica e como utilizou-se de seu prestígio com o objetivo de estimular os processos de reconhecimento social e institucionalização das feiras de ciências no Brasil.

Palavras-chave José Reis (1907-2002) – feiras de ciências – história da divulgação científica – história do ensino de ciências.

Abstract José Reis (1907-2002) was a scientist and science communicator who played a prominent role in the development of science and science communication in Brazil. In this article, we discuss Reis's role in the introduction of science fairs in the country, particularly between the years 1948 and 1973 (the dates of Reis's first and last texts on the subject). We analyze a collection of texts published by Reis in the newspaper *Folha de S.Paulo*, where he served as editor-in-chief from 1962 to 1967, as well as the coverage that *Folha* and other newspapers gave to Brazilian science fairs, in addition to other primary sources (from the José Reis Collection) and bibliographic references. We observe how he made

the newspaper's structure available for the coverage of science fairs during the 1960s, how he adopted a mobilizing style in his science communication texts, and how he used his prestige to encourage the processes of social recognition and institutionalization of science fairs in Brazil.

Keywords José Reis (1907-2002) – science fairs – history of science communication – history of science education.

Introdução: a história das feiras de ciências no Brasil¹

A história das feiras de ciências no Brasil constitui um importante capítulo da história da divulgação científica e do ensino de ciências no país.

Desenvolvidas como uma atividade pedagógica extracurricular na primeira metade do século XX, nos Estados Unidos, as feiras foram concebidas com a proposta de que os estudantes, engajando-se em processos participativos de aprendizado, por meio da elaboração de projetos, seriam capazes de desenvolver um raciocínio científico aplicável à elaboração de soluções racionais para os problemas cotidianos da sociedade (Terzian, 2013). Organizadas como eventos públicos de exposição dos trabalhos de ciências desenvolvidos por estudantes do ensino básico, as feiras buscavam provocar o envolvimento dos estudantes nos assuntos da comunidade e torná-los mais aptos a compreender e a participar de uma sociedade na qual ciência e tecnologia ganhavam cada vez mais importância (Terzian, 2013). Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a corrida tecnológica e armamentista da Guerra Fria, os EUA investiram mais recursos na pesquisa científica e tecnológica e no ensino de ciências como forma de promover uma rápida expansão da ciência e do número de novos cientistas. O ensino de ciências assumiu, assim, um papel importante no interior do projeto de desenvolvimento norte-americano e uma missão patriótica, e o modelo das feiras de ciências rapidamente se expandiu, popularizando-se entre educadores e sendo exportado para outros países (Terzian, 2013).

No Brasil, as feiras de ciências começaram na década de 1960, acompanhando o otimismo tecnocientífico próprio do período e inseridas no conjunto de propostas e ações promovido por educadores, divulgadores científicos e cientistas entre os anos 1950 e 1970 que ficou conhecido como “movimento de renovação do ensino de ciências” (Mancuso e Leite Filho, 2006; Cassab, 2015). Entre outros aspectos, o movimento enfatizava a vivência da investigação científica pelos estudantes por meio de um ensino de caráter prático e experimental e da atualização dos materiais e conteúdos didático-científicos, inicialmente com a tradução e implementação de projetos norte-americanos (Abrantes, 2008; Valla et al., 2014). Os cientistas e educadores envolvidos nesse movimento estiveram aglutinados em entidades de fomento ao ensino de ciências e à divulgação científica, como os seis Centros de Ciências (Cecis) instalados em Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre, e o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc), uma comissão brasileira da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), criada em 1946 (Abrantes, 2008).

1 Este estudo foi realizado no escopo do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, que conta com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, E-26/200.89972018). Luisa Massarani agradece ao CNPq pela Bolsa de Produtividade A e à Faperj pela bolsa Cientista do Nosso Estado. Danilo Magalhães agradece à Faperj pela Bolsa de Treinamento e Capacitação Técnica 5.

O Ibecc foi um marco na divulgação e no ensino de ciências no Brasil, concentrando iniciativas individuais de professores e de cientistas até então esparsas (Abrantes, 2008). Com sede nas dependências da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), o Ibecc realizou experiências inovadoras como a organização de concursos, clubes e feiras de ciências, a tradução e edição de livros destinados ao ensino de níveis primário e secundário e a elaboração de materiais didáticos e *kits* de experimentação (Abrantes, 2008). As feiras de ciências seriam um modelo de aplicação das propostas renovadoras para o ensino de ciências e serviram como importante vitrine das propostas do movimento (Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2023). Incluído nas propostas do movimento estava também o concurso Cientistas de Amanhã, realizado no final da década de 1950 e na década de 1960 (Silva e Silva, 2021). Promovido pelo Ibecc com o patrocínio de empresas privadas e órgãos públicos educacionais, o concurso também se inseriu nesse esforço por mudanças nas práticas pedagógicas de um ensino de ciências realizado por meio da experimentação (Silva e Silva, 2021).

A primeira feira de ciências foi realizada na cidade de São Paulo em 1960. Organizada pelo Ibecc, teve duração de uma semana, reuniu 432 trabalhos de estudantes de 25 escolas da capital paulista e foi visitada por cerca de sete mil pessoas (Abrantes, 2008). Entre 1960 e 1976 foram organizadas 15 edições da feira que, ao longo de sua trajetória, constituiu-se como importante evento de demonstração de trabalhos científicos elaborados pelos alunos, servindo de referência para a organização de outras feiras pelo restante do país e mesmo internacionalmente (Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2023).

Durante as décadas de 1960 e 1970, as feiras de ciências e o concurso Cientistas de Amanhã receberam ampla cobertura jornalística. Os jornais apresentavam os resultados positivos das feiras para a formação dos estudantes, como sua capacidade de criação de aparelhos e demonstração de métodos e conteúdos científicos, de maneira a defender a eficácia dos métodos de ensino experimentais (Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2023). Em tom celebratório do potencial dos jovens cientistas, tidos como geniais, focando nos “aparelhos”, robôs e foguetes produzidos por eles e na expectativa de aplicabilidade tecnológica dos trabalhos (Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2023), a cobertura jornalística das feiras e do concurso representava o trabalho científico como algo isolado, competitivo, carregado de sacrifícios e abstinências pessoais, realizado por minigênios, com tom triunfalista e patriótico (Silva e Silva, 2021; Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2023).

Boa parte do movimento de origem das feiras no Brasil se deu durante a ditadura militar, iniciada em 1964. Em seu projeto de modernização autoritária (Motta, 2014), o regime manteve com a ciência e a educação uma relação ambígua – destrutiva e reformadora. Reprimiu intensamente pesquisadores, professores e estudantes, comprometendo o desenvolvimento científico em várias áreas e o *status* da pesquisa brasileira em nível internacional. Mas expandiu e reformou as universidades, investiu na pós-graduação e repassou uma quantidade importante de recursos para ciência e tecnologia, entendendo o desenvolvimento científico e tecnológico como peça fundamental para a superação do atraso econômico e social do Brasil (Moreira, 2014; Motta, 2014). Embora não fossem um projeto educacional da ditadura, as feiras de ciências encaixaram-se no modelo de reformas do regime, vivendo momentos de maior e menor aproximação (Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2019).

Um aspecto importante da história das feiras de ciências no Brasil que permanece pouco trabalhado é a atuação do divulgador científico José Reis. Como apontam Massarani, Burlamaqui e Passos (2018), a realização da I Feira de Ciências em 1960 teria materializado as propostas que José Reis, integrante do Ibecc e divulgador científico no jornal *Folha de São Paulo*, vinha fazendo por meio do jornal havia mais de uma década, defendendo a realização de feiras de ciências no Brasil como ferramenta importante para a melhoria do ensino de ciências no país e o engajamento de jovens em carreiras científicas.

Até onde sabemos, não existe um trabalho detalhado sobre a atuação de Reis na introdução das feiras, apesar de ele ter sido um dos protagonistas do movimento (Massarani; Burlamaqui e Passos, 2018). Assim, o objetivo deste artigo é preencher essa lacuna, analisando as concepções, a atuação e as estratégias do divulgador no processo de introdução das feiras de ciências no Brasil, buscando demonstrar, majoritariamente por meio da análise de textos jornalísticos de sua autoria, como ele articulou atores e construiu redes para desenvolver esse projeto nacional. Tendo sido Reis uma figura com influência e circulação entre cientistas, educadores, jornalistas e membros das elites políticas, entendemos que observar seu engajamento nesse campo específico pode ampliar o escopo de análise sobre a história da ciência, da divulgação científica e do ensino de ciências no Brasil.

Recuperando a atuação de um dos principais personagens dessa história: o divulgador científico José Reis

José Reis (1907-2002) foi um médico e virologista, especializado em ornitopatologia, e divulgador científico, com atuação de destaque na construção da ciência e da divulgação científica no Brasil (Massarani, Burlamaqui e Passos, 2018). Um dos fundadores da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, participou também da criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1951, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em 1960. Em 1977, participou da criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), da qual foi o primeiro presidente (Massarani; Burlamaqui e Passos, 2018).²

Como apontam Nunes (2003) e Massarani e Alves (2019), Reis entendia a divulgação científica como uma atividade de veiculação dos processos, princípios e metodologias científicos, em termos simples, com o objetivo de informar e educar o cidadão comum, atualizar os professores de ciências e atrair os jovens para as carreiras científicas. Para ele, o trabalho de divulgação deveria ir além da apresentação apenas dos aspectos novos e encantadores da ciência: seria uma forma de engajar o público também na apreciação dos problemas sociais implícitos na produção do conhecimento científico. Ao escrever sobre os resultados de pesquisas científicas, Reis costumava apresentá-los como conhecimentos provisórios e sujeitos a reformulações,

2 Para mais informações sobre José Reis, conferir *José Reis: caixeiro-viajante da ciência* (Massarani; Burlamaqui e Passos, 2018) e o site do Acervo José Reis, sob guarda da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Disponível em: <https://josereis.coc.fiocruz.br/>. Acesso em: 10 set. 2024. Há também o vídeo *José Reis: o caixeiro-viajante da ciência brasileira*, produzido pelo Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IHAIC5OO8Pw>. Acesso em: 10 set. 2024.

apresentando também questões éticas e políticas envolvidas e seus possíveis impactos, riscos, de forma que prevaleciam em sua análise as dimensões históricas e sociais da ciência. Por meio da atuação em veículos de comunicação de massa, Reis entendia como um papel dos divulgadores, igualmente, atrair a atenção das pessoas para a importância do investimento em ciência como pilar de um projeto de desenvolvimento nacional (cf. Massarani e Dias, 2018; Massarani e Magalhães, 2022).

Colaborando com o jornal *Folha de S.Paulo* de 1947 a 2002, Reis escreveu sobre diversos temas das ciências, destacando as pesquisas e os debates que circulavam no meio científico brasileiro e internacional. Dessa forma, colocou em prática sua visão de divulgação científica, atuando no convencimento da sociedade e do poder público sobre a função social da ciência, contribuindo com a valorização da ciência, sua inserção institucional e o aprimoramento das pesquisas científicas no país (Burlamaqui; Massarani e Moreira, 2017).

O trabalho exercido por José Reis serviu de modelo para a divulgação científica realizada no Brasil e obteve diversas formas de reconhecimento, nacional e internacionalmente. Em 1974, ganhou o Prêmio Kalinga, concedido pela Unesco. Em 1978, como reflexo da relevância de seu trabalho, o CNPq criou o Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica, oferecido anualmente aos que mais se destacam na área (Massarani; Burlamaqui e Passos, 2018).

Apesar da importância de Reis na história da ciência e da divulgação científica no Brasil, ainda são reduzidas as teses, dissertações e artigos que recuperam o papel desempenhado por ele nos muitos anos de dedicação à ciência (alguns contraexemplos são Burlamaqui, 2018; Mendes, 2006; Nunes, 2003).

O objetivo deste artigo é contribuir para um aprofundamento da história das feiras de ciências no Brasil e da trajetória desse cientista e divulgador científico com atuação de destaque na segunda metade do século XX.

Metodologia

Para este estudo realizamos a pesquisa bibliográfica e documental em fontes primárias e secundárias. Inicialmente, realizamos um levantamento no acervo digital do jornal *Folha de S.Paulo*, enfocando os artigos publicados por José Reis. Analisamos o conteúdo dos textos encontrados e selecionamos todos os que se relacionavam com a temática “feiras de ciências”, como forma de traçar a maneira pela qual ele utilizou esse veículo de comunicação para divulgar as feiras de ciências. No total, foram encontrados 34 textos nos quais o autor divulga e avalia a realização de feiras de ciências no Brasil. Os primeiros registros encontrados foram de 1948 e os últimos de 1973. O período de maior concentração de registros foi entre 1963 e 1967. O ano de 1965 foi o de maior produção de Reis sobre feiras de ciências, com 11 textos publicados sobre o assunto na *Folha de S.Paulo*.

Em seguida, operamos um levantamento das matérias que fazem referência ao tema “feiras de ciências” na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital) e nos acervos digitais dos jornais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S.Paulo*, que digitalizaram seus acervos em domínios próprios. Essa etapa visou observar a presença das feiras de ciências nesses jornais e, especificamente no caso do último, também a cobertura da presença de Reis nas feiras da década de 1960.

Ao todo, foram levantados um total de 1.330 registros em 28 jornais, distribuídos, entre 1953 e 2011, da seguinte maneira:

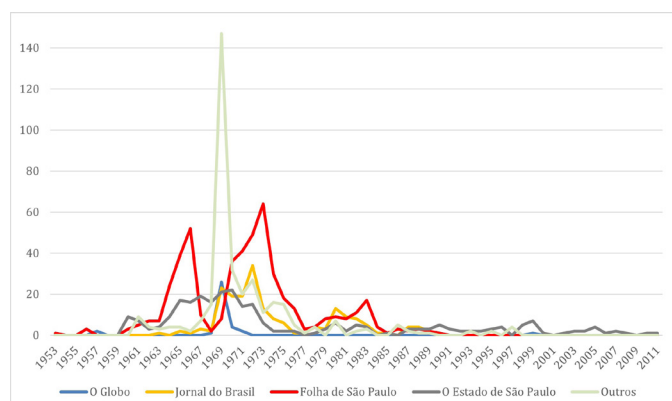


Gráfico 1 – Distribuição de matérias que mencionam feiras de ciências entre os jornais consultados no período de 1953 a 2011. Em vermelho, o jornal *Folha de S. Paulo* recebe destaque

Fontes: dados levantados em Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*.

A *Folha de S. Paulo* foi o jornal que mais cobriu as feiras. Nela, encontramos 488 matérias entre 1953 e 1990. É possível identificar dois ciclos de concentração da cobertura das feiras de ciências na *Folha*. O primeiro, entre 1964 e 1967, e o segundo, entre 1970 e 1976. No jornal *O Estado de São Paulo* encontramos 264 registros entre os anos de 1960 e 2011. No *Jornal do Brasil* foram levantadas 187 matérias entre 1963 e 1989. No jornal *O Globo* encontramos 36 matérias entre 1957 e 1999. Na categoria “outros”, agrupamos os outros 355 registros encontrados em 24 jornais. Entre eles, estão jornais como o *Correio Paulistano* (SP), o *Diário de Notícias* (RJ), o *Correio Braziliense* (DF) e o *Diário do Paraná* (PR). O ano de 1969 tem uma alta concentração de registros por conta da realização da I Feira Nacional de Ciências, no Rio de Janeiro (cf. Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2019).

Por último, consultamos os textos e livros de Reis guardados no Acervo José Reis sob os cuidados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Também consultamos teses, dissertações, livros e artigos que mencionam sua atividade como divulgador científico.

Diversos autores já observaram como cientistas e divulgadores engajados em atividades de difusão da cultura científica costumam instrumentalizar os meios de comunicação de massa como forma de veiculação de teorias, valores e convicções políticas próprias, e que o prestígio que alcançam por meio dessas atividades confere a eles um lugar especial em batalhas políticas ou epistemológicas que travam no interior do *campo científico*, agenciando aliados e recursos para determinadas pesquisas e agendas científicas (cf. Bourdieu, 1983). Atentos a isso, neste estudo, partimos da noção de que é necessário observar, além dos conteúdos textuais, as estratégias e agenciamentos políticos envolvidos nas práticas de divulgação científica, como forma de melhor compreender o contexto em que o material consultado está inserido.

Com base na análise desse banco de dados e das fontes secundárias, nos tópicos que seguem, destacamos momentos e contextos que acreditamos serem fundamentais para explicitar a influência e a participação de José Reis no movimento de introdução das feiras de ciências no Brasil na década de 1960 e 1970, períodos em que o divulgador científico foi mais atuante.

A semeadura das feiras de ciências

Buscando recuperar a história da introdução das feiras de ciências no Brasil, encontramos, no material consultado, referências à origem da ideia e do modelo das feiras brasileiras. Essas apontam para o papel protagonista de Reis no estabelecimento dessa atividade pedagógica no Brasil e sua inspiração em leituras sobre o contexto norte-americano e sobre as últimas resoluções da Unesco, interessada em estimular programas de ensino extracurriculares, especialmente aqueles voltados para o ensino de ciências.

Um dos exemplos é a fala da socióloga e educadora Maria Julieta Ormastroni,³ figura atuante na organização dos programas de educação não formal de ciência pelo Ibecc. Em matéria publicada em 1983 na *Folhinha*, suplemento infantil da *Folha de S.Paulo*, criado por Reis, Ormastroni afirmou, de maneira categórica, que “as feiras de ciências foram introduzidas no nosso País pelo professor José Reis” (A Tradição..., 1983, p. 3). Em entrevista realizada em 2003, ao relembrar sua carreira e as feiras de ciências em que esteve envolvida como organizadora, Ormastroni complementou: as feiras foram a “grande paixão” de Reis (Ormastroni, 2004).

Ao pesquisar sobre esse movimento introdutório, encontramos uma releitura que Reis fez em 1963 dos primeiros 15 anos de sua colaboração com o jornal *Folha de S.Paulo*, quando afirmou que “foi durante este trabalho que lançamos a ideia [...] dos concursos ‘Cientistas de Amanhã’ e das ‘Feiras de Ciência’ [...], à semelhança do que se faz largamente nos Estados Unidos, com grande êxito para a detecção de novas vocações” (Reis, 1963, p. 1). Seis anos depois, em 1969, Reis caracterizou esse mesmo período como uma primeira fase de sua atuação no jornal em prol das feiras: uma fase “de semeadura da ideia” (Reis, 1969, p. 1) tanto para o grande público quanto para seus pares engajados em ações de ensino e divulgação científica. Em depoimento de 2000, Reis salientou a “generosa guarida” que suas sugestões encontraram “na Seção de São Paulo do Ibecc” (Reis e Gonçalves, 2000, p. 23-24).

Nosso levantamento encontrou cinco dessas publicações a que Reis se referiu como parte de seu movimento de “semeadura”. Em 1948, ele publicou um artigo inaugural de seu engajamento no ensino de ciências, “Em busca do talento científico” (Reis, 1948, p. 4). Nele, identificou como um dos pontos fundamentais de qualquer programa de amparo à ciência a busca e o estímulo de jovens talentos científicos. Espelhando-se no modelo norte-americano, questionou o ensino brasileiro. Identificou no “ensino formalístico” – “em que o professor papagueia lições diante dos alunos” – a causa para o “desperdício de energia e inteligência” verificados nas escolas do país (Reis, 1948, p. 4). Propôs, então, que se estabelecesse outra modalidade de ensino: uma na qual professores e alunos, cooperando verdadeiramente, encantam-se e questionam-se juntos diante dos fenômenos naturais. Por fim, Reis conclamou a iniciativa privada brasileira a “repetir a façanha da Westinghouse e fazer ressoar por todos os ginásios de todas as cidades do interior o grito de mobilização para a ciência” (Reis, 1948, p. 4). O autor fazia referência à série de volumosos investimentos em ciência realizada nos Estados Unidos a partir da Segunda Guerra Mundial, especialmente por meio da atuação da companhia de

3 Maria Julieta Ormastroni foi diretora-executiva do Ibecc e responsável pela criação de diversos programas de ensino não formal de ciência, como o Concurso Cientistas de Amanhã, em 1957 (Abrantes, 2008). Mais informações sobre Maria Julieta Ormastroni podem ser consultadas no vídeo *Julieta Ormastroni: encantadora de crianças e jovens rumo à ciência*, produzido pelo Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5OoZ50IsiQ>. Acesso em: 10 set. 2024.

infraestrutura elétrica Westinghouse, que investiu na busca de jovens talentos para a ciência como forma de alavancar a produção científica e tecnológica do país e consolidar a posição política dos EUA no período pós-Guerra e durante a Guerra Fria (Terzian e Shapiro, 2013).

Encontramos duas matérias publicadas no jornal *Folha da Manhã* (que deu origem à *Folha de S.Paulo*) – uma em 1953 e outra em 1956 – com descrições extensivas dos clubes e feiras de ciências que se consolidavam nos EUA. São matérias intituladas “A alegria de aprender, fazendo” (1953) e “Mais cérebros para a ciência” (1956), que noticiaram a novidade pedagógica que essas modalidades de aprendizado representavam no contexto norte-americano. Não há certeza sobre a autoria delas ser de Reis. É possível, ao menos, que ele tenha ajudado na elaboração dos textos ou que tenha participado de alguma outra forma, já que o estilo da escrita se parece muito com o restante dos textos levantados. Nelas, foram descritos o contagiante “entusiasmo e interesse dos jovens” engajados nas feiras norte-americanas e como “se desenvolve em todo o país um senso novo e elevado de cooperação e companheirismo na ciência” (A alegria..., 1953, p. 8).

Em seus textos na coluna “Daqui e de longe”, também no jornal *Folha da Manhã*, em que Reis noticiava os debates e atividades da comunidade científica internacional, recolhidos nas leituras que fazia dos jornais estrangeiros, também encontramos menções aos clubes e feiras de ciências em 1956. Em 8 de abril, a coluna noticiou a recomendação da Unesco “de se ampliarem as feiras de ciência, como ótima oportunidade para a mocidade se aproximar da ciência e de seus objetivos e métodos” (Reis, 1956a, p. 67). Além disso, mencionou a necessidade de se envolver um “amplo trabalho de cooperação, de que devem participar, além das escolas, os pais, os jornalistas, os políticos, os administradores, os industriais” (Reis, 1956a, p. 67).

Dois meses depois, Reis publicou um trecho da palestra do então diretor da Science Service (atual Society for Science & the Public), uma organização norte-americana de divulgação e promoção da ciência que organizou as primeiras feiras nacionais de ciências nos EUA (Terzian, 2013). Segundo Watson Davis, os clubes de ciência teriam se tornado “muito populares nos Estados Unidos” e as feiras “muito bem compreendidas e apoiadas pelos grupos locais” (Reis, 1956b, p. 75). No final daquele ano, Reis ainda mencionou na coluna uma palestra realizada na Feira Nacional dos Estados Unidos, segundo a qual “88 por cento desses participantes que são escolhidos para as grandes competições nacionais, seguem a carreira da ciência ou da engenharia. São dados positivos, que mostram o grande valor das feiras como meio de reconhecer e estimular vocações científicas” (Reis, 1956c, p. 9).

Esse conjunto de textos publicados, especialmente, na década de 1950, são parte do esforço de divulgação da ideia, do modelo e dos benefícios das feiras feito por Reis por meio do jornal. Já é possível também observar a presença do tom otimista e contagiante que Reis imprimia aos seus textos (tom que marcaria sua atividade em relação às feiras, como se apresentará adiante) e a inspiração norte-americana. Em 1960 viriam os primeiros frutos dessa fase de “semeadura”, quando foi realizada aquela que é considerada a primeira feira de ciências no Brasil, em São Paulo, organizada pelo Ibecc (Mancuso e Leite Filho, 2006; Magalhães; Massarani; Norberto Rocha, 2023), sendo para Reis o início do “movimento das feiras de ciências” (Reis, [1965] 2018), que nos anos seguintes se expandiu pelo interior do estado de São Paulo.

O caixeiro-viajante da ciência

No período entre 1962 e 1967, Reis assumiu a direção de redação do jornal *Folha de S. Paulo* e então engajou ativamente a estrutura do jornal na cobertura, organização, financiamento e premiação das feiras de ciência, que a partir de 1962 começavam a realizar-se também no interior paulista, com a feira de Botucatu. Como se pode ver no Gráfico 1, o período em que Reis esteve à frente da redação do jornal representou uma escalada na cobertura das feiras. A intensa cobertura jornalística, impulsionada por Reis, potencializou o alcance e a relevância das feiras de ciências brasileiras, que a cada ano eram realizadas em novas escolas de São Paulo e cidades do interior paulista.

A análise dos textos de Reis publicados durante o período em que foi diretor do jornal e do conjunto de matérias da *Folha* que cobrem as feiras nos revela, inicialmente, como ele mobilizou, além da estrutura do jornal, seu prestígio e sua própria presença nas feiras.

Em artigo de setembro de 1964, fazendo uma retrospectiva autobiográfica, Reis apresentou a si mesmo como o “caixeiro-viajante da ciência”: “comecei desde cedo a viajar pelo interior do Estado a fim de ensinar o que eu mesmo ia aprendendo” (Reis, 1964, p. 1), escreveu ele, fazendo referência aos anos em que passou divulgando suas pesquisas sobre prevenção e erradicação de doenças aviárias aos agricultores paulistas (Massarani; Burlamaqui; Passos, 2018). “Mais tarde a FOLHA deu-me oportunidade ainda maior, de escrever a respeito de assuntos científicos e técnicos para o grande público” (Reis, 1964, p. 1), continuou Reis. “O jornal criou novas possibilidades, como a da ligação com o Ibecc – viveiro de idealistas – e o lançamento do concurso Cientistas de Amanhã e do insopitável⁴ movimento das ‘feiras de ciência’” (Reis, 1964, p. 1). Assim se iniciava o “segundo périplo” do “caixeiro-viajante”: “quando durante cerca de quatro anos percorremos pessoalmente, em nome deste jornal, quase todas as feiras que se organizaram” (Reis, 1969, p. 1).

As feiras de ciências das escolas do interior de São Paulo eram realizadas, em sua maioria, nos meses de outubro e novembro, ou seja, quase no final do período letivo, sendo espaços onde os alunos expunham os resultados de suas pesquisas. Os alunos que apresentassem os melhores trabalhos classificavam-se para a edição regional, organizada pelo Ibecc e geralmente realizada no primeiro semestre do ano seguinte. Tentando percorrer o maior número de feiras possível, Reis passava os últimos meses do ano visitando várias feiras seguidas. Nos textos publicados na *Folha*, ele relatou sua presença em múltiplas feiras que visitou nos dias anteriores. Em 1982, Reis lembrou este período:

[eu] varava as estradas em alta velocidade, nos “pick-ups” do jornal, dia e noite. Às vezes entrava numa feira às 12 horas e saía às 23, embarcando logo a seguir para São Paulo (ganhei dos motoristas o apelido de faquir). Ainda me restavam, pelo que se vê, uns farra-pos de mocidade, e a certeza de que estava realizando algo realmente útil não me abatia ante a desabalada corrida do veículo. Chegava a pensar que até seria glorioso morrer no caminho, quando levava à juventude e aos mestres uma semente de renovação (Reis, [1982] 2018, p. 108).

4 Irreprimível, incontrolável.

Maria Julieta Ormastroni também rememorou as andanças de Reis, dando outra imagem à “pick-up do jornal”:

O projeto ampliou enormemente. Todas as cidades do interior começaram a querer fazer feiras de ciência. Dr. Reis ia, em um carro horrível, assistir às feiras no interior. Ele escrevia desses lugares. Por causa dessas viagens, ele se deu o nome de “caixeiro viajante da ciência” (Ormastroni, 2004, p. 1).

Quando Reis descrevia sua atuação, ou o engajamento de outros atores, o fazia com um tom de heroísmo, ressaltando os “sacrifícios individuais” e o desinteresse em recompensas:

Costumo dizer que para inaugurar feiras de ciência ou exposições organizadas pelos jovens e seus mestres, para incentivo da ciência, vou até o fim do mundo. E, comigo, a FOLHA. Não importam as distâncias, nem os cansaços. [...] O que importa é a mocidade que quer estudar e realizar (Reis, 1964, p. 1).

No início de 1967, Reis fez a conta do quanto andou e chegou à conclusão de que foram 21 mil quilômetros (Reis, 1967, p. 1). Encontramos a presença de José Reis, registrada por ele em seus textos ou pelas matérias da *Folha de S. Paulo* em um total de quarenta feiras em trinta municípios entre 1962 e 1969. Crodowaldo Pavan (1919-2009), biólogo e geneticista, amigo de Reis, contabilizou quarenta municípios (Pavan, 2007, p.72). Mas Reis não fez isso sozinho: com ele ia, além do motorista, um fotógrafo do jornal.⁵ Cobrindo as feiras em que não poderia estar presente, ele enviava outros jornalistas da redação, especialmente o jornalista científico Abran Natan Jagle⁶ (1916-1999), apelidado por Reis de “caixeiro-viajante n. 2”, e o jornalista e pastor presbiteriano Sérgio Paulo Freddi,⁷ o “n. 3”, que cobriam os eventos e enviavam saudações escritas por Reis aos alunos e professores (Reis, 1966b, p. 1).

Observamos que José Reis mobilizou seu apelido de “caixeiro-viajante da ciência” como um personagem que criou para si mesmo e que, com isso, reforçou sua própria importância e a expectativa pela sua presença nas feiras de ciências. O “caixeiro-viajante” percorria as várias feiras, discursava nas inaugurações e encerramentos, era jurado dos trabalhos, recebia homenagens, ouvia as explicações dos jovens. Depois, publicava os relatos na sua coluna dominical de divulgação científica na *Folha*, a No Mundo da Ciência, divulgando o modelo das feiras de ciências, seus objetivos e resultados. Seus anos mais ativos como “caixeiro-viajante” foram 1965

5 Em 1966, Reis falou de suas “andanças no lombo de um F-100 [modelo de *pick-up* da Ford] que às vezes pula que nem cabrito quando a estrada é buraco (mas como corre, o danado!), um F-100 guiado com habilidade ora por Daniel, ora por Santana, ou Sérgio, ou Gabriel, ou Simões, tudo gente boa no volante, e dedicada, e em companhia de uns repórteres fotográficos sempre amigos e decididos, ora Kaize que no banco de trás torna o carro macio, ou Cordeiro, ou Dib, ou Felícia, ou Zilli, ou Edvaldo (desculpem-me aqueles a quem esqueci)” (Reis, 1966a, p. 1).

6 Em 1977, o jornalista Abran Natan Jagle criou, junto com José Reis (primeiro presidente), a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC). Disponível em: <http://observatoriодаimprensa.com.br/ciencia-no-brasil/a-historia-da-associacao-brasileira-de-jornalismo-cientifico/>. Acessado em: 10 set. 2024.

7 Sérgio Paulo Freddi foi uma figura atuante no apoio das igrejas presbiterianas ao regime militar, chegando a assumir, em 1970, a chefia da Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República do governo Médici, como demonstra Almeida (2016).

e 1966, quando esteve presente em dezenas de feiras e publicou 16 dos 34 textos que escreveu sobre elas na *Folha de S. Paulo*.

A presença do “Dr. Reis” (como noticiava o jornal) nas feiras, prestigiado como diretor de redação da *Folha* e já respeitado divulgador científico, foi um importante fator de estímulo à introdução da iniciativa. É interessante notar como em algumas ocasiões a presença de Reis nas feiras foi noticiada também pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, principal concorrente da *Folha*. Segundo Reis, o período em que esteve à frente do jornal foram os anos de “mobilização e estímulo” (Reis, 1969, p. 1).

Construindo o “movimento”: mobilização e estímulo

“Hoje não teremos um artigo de divulgação, como de hábito, mas uma conversa de caixeiro-viajante da ciência” (Reis, 1966a, p. 1). Assim, Reis costumava iniciar seus textos sobre as feiras de ciências, interrompendo o fluxo cotidiano de sua coluna na *Folha*. Ao tratar os próprios textos como uma “conversa”, Reis buscava engajar o leitor, a quem constantemente se referia como “meus amigos”. Com isso, procurava direcionar seus textos ao indivíduo e não à massa, convocando o leitor a uma interlocução, como já salientou Nunes (2007).

Em nosso levantamento, encontramos uma série de 29 artigos publicados na *Folha* ao longo de 11 anos, entre 1963 e 1973, nos quais Reis relatou, em primeira pessoa, a expansão das feiras. No primeiro deles, publicado em 3 de novembro de 1963, Reis narrou o que presenciou na primeira feira de Presidente Prudente (São Paulo), visitada por cerca de nove mil pessoas. O artigo terminou com uma proposta: “vamos fazer uma feira de ciência em cada cidade de São Paulo?” (Reis, 1963, p. 1). Dois dias antes, em editorial da *Folha*, já se podia ler, de provável autoria de Reis: “Que coisa extraordinária, que potencial magnífico, o interior de São Paulo! Que surja o movimento de ‘uma feira em cada cidade!’” (Feira..., 1963, p. 4).

Esse estilo mobilizador, que Reis imprimia em sua escrita, está presente em todos os textos seguintes. Encontramos palavras como “campanha”, “revolução”, “mobilização” e “movimento” que dão o tom de construção coletiva e estimulante, promovendo um sentido de unidade a uma série de ações espaçadas de alunos e educadores, inicialmente pelo estado de São Paulo e depois pelo país, e encorajando o engajamento de mais atores. Em diversas ocasiões, ao longo dos anos seguintes, Reis comentou a expansão do “movimento”, ao afirmar que as feiras “pipocam” pelo interior, “proliferam” a cada ano, “se propagam como incêndio magnífico”, “espalhando a boa semente” e provocando uma “explosão cultural no interior de São Paulo” (cf. Reis, 1965b, p. 1).

Os textos de Reis eram escritos de maneira clara e objetiva, com muitas metáforas ilustrativas. Com frequência, encontramos palavras de conotação bíblica, especialmente quando ele se referia à sua própria atividade como mobilizador: “pregação” e “peregrinação” são algumas delas. Ademais, é interessante notar como sua escrita mobilizava seus próprios estados subjetivos, criando uma atmosfera afetiva: em alguns textos, Reis falou dos seus olhos cheios d’água, do coração acelerado, de sua comoção ao acompanhar as atividades daquela juventude. Também são frequentes palavras como “animação”, “empolgação”, “orgulho” e “otimismo” na descrição que Reis fazia de si próprio, dos alunos, dos mestres, do público visitante e mesmo das

cidades onde eram realizadas as feiras e nas cidades vizinhas. Em um texto de 1965, ele chegou a descrever as feiras de ciências como “colmeias de esperança e otimismo” (Reis, 1965b, p. 1).

O autor descrevia os realizadores e participantes das feiras como “engajados”, “idealistas”, “ordeiros” e “patriotas” (numa oposição subliminar com os jovens que se manifestavam, de forma cada vez mais violenta, contra a ditadura). Reis falava dos sacrifícios e esforços dos alunos e mestres das cidades do interior, dispostos a organizar as feiras apesar das dificuldades, da falta de equipamentos e de incentivos governamentais. O divulgador dava muito valor ao improvisado, aos materiais simples, no sentido de mostrar que era possível fazer ciência com poucos recursos. Reis afirmou que a experiência das feiras teria se ajustado bem à precariedade que ele enxergava nas escolas brasileiras, ao propor experimentos adequados à realidade local das cidades onde eram realizadas (Reis e Gonçalves, 2000, p. 55).

Nos textos de José Reis analisados há uma constante reflexão sobre o ensino brasileiro, seu modelo pedagógico e as possibilidades de mudar as formas de ensino-aprendizagem e a relação aluno-professor. Durante todo o período de intervenção pública de Reis no processo de mobilização e divulgação das feiras, é possível observar como parte central de sua estratégia estava no argumento pedagógico com o qual justificava a existência e a importância dos eventos. Para ele, as expoentes feiras de ciência promoviam uma “revolução pedagógica”. Em 1965, Reis publicou um livreto intitulado exatamente *Feiras de Ciência: uma revolução pedagógica*,⁸ no qual condensou sua experiência e descreveu os principais objetivos pedagógicos de uma feira (Reis, [1965] 2018). Em 1968, o autor incluiu o texto numa coletânea e lançou o livro *Educação é investimento* (Reis, 1968), que o alçou como referência nos debates da época sobre pedagogia e políticas públicas para educação.



Figuras 1 e 2 – Capa do livro de Reis e imagem de estudante no interior do livro. Na legenda da imagem, lê-se: “Os estudantes são estimulados a construir seus aparelhos ou conceber maneiras de demonstrar os princípios científicos”

Fonte: Acervo José Reis, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1965.

8 O texto pode ser encontrado no livro *José Reis: reflexões sobre a divulgação científica*, uma seleção de textos de Reis organizada por Luisa Massarani e Eliane Dias. Disponível em: http://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf. Acessado em: 10 set. 2024.

Reis definia as feiras de ciências como uma “coleção de demonstrações realizadas e planejadas por estudantes secundários ou primários” (Reis, 1968, p. 304). Segundo ele, “as feiras de ciências não são demonstrações paradas. Não consistem na exibição de aparelhos e cartazes, mas na apresentação de experiências ou observações bem documentadas, com a presença de seus autores, que explicam ao público aquilo que estão expondo” (Reis, 1968, p. 305). Organizadas por alunos, como protagonistas, e professores, as feiras estimulariam os estudantes a construir aparelhos e aprenderem métodos de demonstração dos princípios científicos, tendo efeitos sobre a comunidade escolar, que, depois de uma feira, além da aprendizagem mais eficaz dos métodos e conteúdos científicos, se tornaria mais consciente de suas capacidades. Para ele, elas teriam uma “benéfica influência na vida escolar e na mentalidade dos jovens e de seus mestres, assim como na atitude da comunidade em relação à escola” (Reis, 1968, p. 295). Além disso, para Reis, as feiras seriam importantes ferramentas na promoção da cidadania, já que muitos dos trabalhos expostos pelos alunos lidavam com questões locais, como a falta de saneamento e a doença de Chagas.



Figura 3 – José Reis recebe as explicações de estudante em feira de ciências

Fonte: Acervo José Reis, Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, s/d.

A maior parte das fotos em que Reis aparece nas matérias da *Folha* retratam uma mesma cena: algum jovem estudante explica para ele o experimento que preparou para a feira de ciências de sua cidade. Reis reservava aos estudantes um lugar ativo na lógica didática e isso transparecia não apenas nos seus textos, mas também nas fotografias.

Pelo potencial pedagógico que enxergava nelas, Reis defendeu que as feiras fossem organizadas em todos os níveis educacionais, do primário à universidade. De maneira geral, Reis defendia que o ensino de ciências deveria ser iniciado o mais cedo possível: “assim se aproveita, desde o nascedouro, a curiosidade científica”, escreveu (Reis, 1968, p. 300). No material levantado, é possível observar que sua proposta foi bem-sucedida, com a realização de feiras em

escolas primárias, em faculdades, em turmas de ensino supletivo e mesmo em uma unidade de detenção de menores infratores.

Embora tenha se inspirado no modelo norte-americano, buscando recriar em seus textos a atmosfera em que as feiras eram recebidas nos Estados Unidos, Reis fez questão de ressaltar que a experiência brasileira se diferenciava da ideia original em muitos sentidos, especialmente pela presença do imprevisto e da espontaneidade, e que serviu de inspiração para outros países latino-americanos.

Por meio de seus textos, Reis compartilhava seu otimismo em relação aos resultados das feiras de ciências para o futuro desenvolvimento do Brasil. Segundo ele, essas feiras proporcionavam aos jovens um aprendizado mais aprofundado dos princípios e métodos científicos, abrindo-lhes a possibilidade de se engajarem em carreiras científicas. Para Reis, as feiras

desempenhavam um papel crucial ao direcionar os jovens para essas carreiras, ou, como ele costumava dizer, ao despertar neles sua vocação científica. No pensamento de Reis, atrair jovens para a ciência fazia parte de um esforço nacional para promover o desenvolvimento do país, uma vez que ele via a ciência e a tecnologia como centrais para esse processo. Ele escreveu: "se o mundo contemporâneo é modelado rapidamente pela ciência e pela técnica, impõe-se cuidar com muito carinho da formação da mão de obra dessa natureza [...]. O potencial humano tem sido muito mal aproveitado no Brasil. Especialmente no terreno da ciência e da tecnologia, temos andado muito devagar" (Reis, 1968, p. 296-298). Assim, para Reis, como para muitos divulgadores científicos latino-americanos de sua geração, a atração de jovens para a ciência era uma estratégia essencial para superar o subdesenvolvimento. Decorrente dessa reflexão é a urgência que Reis imprimia ao "movimento", especialmente a partir do golpe de 1964, quando começou a falar na "pressa" e "disposição" dos jovens e dos professores "a um movimento radical de renovação pedagógica", expressa nas feiras de ciências, capaz de "vencer o atraso" do país (Reis, 1965a).

Como diretor de redação da *Folha de São Paulo* no período do golpe de 1964 e nos anos iniciais do regime, ao que parece, Reis teve um papel no processo empreendido pelo jornal de legitimação do golpe (Sousa Júnior, 2007), embora afirmasse que o veículo mantinha um "espírito de independência" ao "navegar em águas mais do que turbulentas" (Reis e Gonçalves, 2000, p. 26). Em 1966, por exemplo, ainda no momento inicial do regime militar, o jornal realizou uma "campanha de otimismo" em suas páginas, com dizeres como "Há crise? trabalhemos em dobro", "O melhor que você pode fazer é confiar no Brasil e trabalhar" e "Critique menos e trabalhe mais. O país é seu". O "movimento das feiras de ciências" acabava incluído nesse clima otimista e de esforço patriótico.

Nos seus textos, Reis descrevia as feiras como grandes eventos. Mesmo as que estavam em suas primeiras edições o impressionavam pelo tamanho, pelo engajamento de alunos e professores e pelo alto comparecimento e apoio da população e das autoridades locais. Com frequência, Reis narrava o "transbordamento" do público e a necessidade de se transferir as feiras para ginásios dos clubes de futebol ou pátios cedidos pelas prefeituras. O tom empregado por Reis em seus textos e como base editorial para as matérias da *Folha*, que repetiam o vocabulário do diretor, foi parte importante do processo de reconhecimento social da iniciativa, que, ao final da década de 1960, já se encontrava avançado, com feiras de ciências sendo realizadas em diversos estados brasileiros, com patrocínios públicos e privados, que reproduziam o modelo e os objetivos propagados por Reis.

Analisando o percurso de Reis, Mendes (2006) observa como o autor esteve inserido em um contexto em que a divulgação científica serviu aos processos de legitimação, institucionalização e profissionalização da ciência no Brasil no período pós-Segunda Guerra Mundial. Por meio de atividades de divulgação científica, os cientistas brasileiros procuraram valorizar a ciência como instrumento de intervenção na sociedade e angariar apoios nas elites políticas e na opinião pública em geral para a ampliação de suas instituições de pesquisa e de defesa dos interesses da comunidade científica.

É igualmente importante salientar, como fez Mendes (2006), que Reis estava inserido num contexto em que a educação constituía um debate público. Métodos pedagógicos e reformas nas instituições educacionais eram amplamente debatidos por meio dos jornais. Para Reis, que

se engajou ativamente nesse tema, as feiras de ciências permitiam ampliar a educação científica da sociedade, ajudando os estudantes a explorar e entender seu próprio cotidiano e a consolidar sua formação como cidadãos críticos em um ambiente cada vez mais influenciado pela ciência e a tecnologia. Também enxergava, nas feiras e demais concursos científicos voltados para os jovens, meios de promoção de um ensino mais prático e experimental, de atração dos jovens para a ciência e de promoção do desenvolvimento científico e tecnológico nacional.

Nesse sentido, é possível observar como o divulgador científico utilizou o espaço que tinha no jornal e o prestígio que conquistou por meio de sua atuação como cientista e nos meios de comunicação de massa como uma forma de impulsionamento, não só das feiras de ciências, mas dos valores e convicções que nutria em relação ao papel da ciência e do ensino de ciências na sociedade brasileira.

Entre o reconhecimento social e a institucionalização das feiras

Reis buscava promover o reconhecimento social das feiras de ciência. Pela quantidade de matérias existentes nas décadas de 1960 e 1970 – 394 apenas na *Folha de S.Paulo* e outras centenas em dezenas de jornais brasileiros – e pela quantidade de alunos e público visitante que as feiras mobilizavam, é possível afirmar que, durante essas duas décadas, a iniciativa das feiras obteve grande popularidade no Brasil. Em depoimento de 1983, Ormastroni comenta sobre as inúmeras cartas que chegavam à redação da *Folha de S.Paulo* e à sede do Ibicc, escritas por professores e diretores de escolas em busca de conselhos e bibliografia sobre como organizar uma feira de ciências (Ormastroni, 2004). Embora não saibamos o paradeiro desse material, que daria uma frutífera análise em estudos futuros, a menção a ele é um indício importante do engajamento que o “movimento” proporcionou entre os educadores brasileiros.

Preconizando o “movimento” como uma iniciativa espontânea, Reis fomentou as feiras de ciências como atividades paralelas ao ensino formal, “emperrado” e “atrasado”, segundo ele, entre outros motivos, pela “burocracia” estatal (Feiras e..., 1965a, p. 4). No início, o “movimento” se ampliou com pouca interação com a Secretaria da Educação de São Paulo. Ao longo de 1965, no entanto, houve uma aproximação com o Poder Executivo e Legislativo, que buscou apoiar a iniciativa. Reis, que em vários de seus textos nutria certo desprezo por políticos e pela “burocracia”, acabou aproximando-se do campo político, mas não sem atritos.

Em abril de 1965, o deputado estadual José Felício Castellano (Arena) apresentou um projeto de lei à Assembleia Legislativa de São Paulo prevendo a abertura de um crédito de 10 milhões de cruzeiros para a Secretaria de Educação, com o objetivo de conceder verba “a Clubes de Ciências, estabelecimentos de ensino, entidades científicas ou grêmios estudantis que promoverem as Feiras” e divulgar os eventos (Projeto..., 1965, p. 7). Para o deputado, a introdução das feiras de ciências no Brasil seria “um movimento para aperfeiçoar o ensino de Ciências para que, em futuro próximo, possamos acompanhar o ritmo acelerado do progresso científico mundial” (Projeto..., 1965, p. 7). O projeto, que foi logo aprovado, recebeu editorial elogioso da *Folha de S.Paulo*, por intermédio de Reis, que via na proposta um “claro desejo de auxiliar os colégios e centros que desejam organizar feiras de ciência” (Feiras..., 1965b, p. 4). Mantendo seu estilo marcado por ressalvas ao poder público, Reis abriu uma concessão: “Muitas críticas têm merecido a Assembleia Legislativa. Não lhe regateemos aplausos quando

age objetivamente, procurando acompanhar o passo, felizmente acelerado, de nosso povo, em busca de meios de educação efetiva" (Feiras..., 1965b, p. 4).

Em maio 1965, no ápice da fama do "caixeiro-viajante", a *Folha de S. Paulo* e José Reis foram homenageados pela mesma Assembleia "pela campanha que vêm fazendo para a divulgação do ensino científico e pelo incentivo às Feiras de Ciência" (Aplausos..., 1965, p. 6). Segundo o deputado Castellano, autor do requerimento da homenagem, "o ensino científico em nosso Estado pode ser dividido em duas fases: antes e depois de José Reis, antes e depois do Ibecc" (Aplausos..., 1965, p. 6). Na ocasião, Reis, a quem Castellano se referiu como "verdadeiro apóstolo dessa causa", foi ainda convidado pela Comissão de Educação e Cultura da Assembleia Legislativa a "sugerir medidas que entende necessárias, cabíveis a este Poder, para auxiliá-lo em sua luta" (Aplausos..., 1965, p. 6).

No mesmo ano, duas outras propostas surgiram na Assembleia: a destinação de verba para equipagem dos laboratórios de ciências das escolas e a instituição, em junho, de uma Exposição anual de Ciências e Cultura em Geral. Reis, em editorial da *Folha*, novamente saudou as duas iniciativas, enxergando nelas claras repercussões do "movimento" (Exposição..., 1965, p. 4).

No meio de novembro, a *Folha* noticiou, sem detalhes, a proposta da Secretaria da Educação de São Paulo de "regulamentar" as feiras. Três dias depois, Reis publicou editorial intitulado "Feiras e burocracia" (1965a, p. 4) atacando fortemente a proposta e os autores. "No estado de São Paulo desenvolveu-se, à revelia e na maioria dos casos sem o menor interesse do governo", iniciou Reis, "um belo movimento de renovação pedagógica – o das Feiras de Ciências" (Feiras e..., 1965a, p. 4).

Pois bem, a Secretaria da Educação, conhecida e reconhecida por sua ineficiência, salvo honrosas exceções, quando notou a realidade das Feiras de Ciência, movimentou-se para... regulamentá-las. E o fez de maneira defeituosa, capaz de matá-las..." (Feiras e..., 1965a, p. 4).

Dois dias depois de publicada a crítica, o Secretário da Educação anulou a portaria. Em novo editorial, Reis comemorou e afirmou que, assim fazendo, o secretário teria dado apoio a "um dos mais belos movimentos pedagógicos que o nosso Estado e o nosso país já presenciaram" (Feiras..., 1965c, p. 4).

Reis acompanhou o processo de institucionalização das feiras de forma cautelosa, temendo que a burocracia aplacasse a espontaneidade de alunos e professores que ele enxergava como motores das feiras. Pode-se observar como Reis aproveitou-se de sua posição e sua influência para impulsionar, aos seus moldes, também dentro do Estado, o "movimento" que para ele tanto significava.

Fruto do processo de consolidação do "movimento de feiras" nesse período, destacamos a realização da primeira Feira Nacional de Ciências no Brasil, em setembro de 1969. Criada por um decreto pelo então presidente Costa e Silva, ela foi um evento de grandes proporções, com a exposição de trabalhos de centenas de alunos de quase todo o país e ampla cobertura jornalística (Magalhães; Massarani e Norberto Rocha, 2019). Em artigo publicado em 11 de maio de 1969, José Reis registrou sua "alegria" ao ver "o movimento das feiras de ciência tornar-se nacional" (Reis, 1969, p. 1). Segundo ele, a notícia seria um "reconhecimento" do trabalho "desenvolvido em São Paulo pela ação espontânea de professores e alunos, apoiados pelo Ibecc – seção de São Paulo, por este jornal [*Folha de S. Paulo*] e por muitas instituições públicas e particulares" (Reis, 1969, p. 1).

Considerações finais

Por meio do material levantado, foi possível observar que as feiras de ciências obtiveram forte popularidade e cobertura jornalística nas décadas de 1960 e 1970. Foram publicadas, em variados jornais, centenas de matérias cobrindo as novas feiras de ciências. A atuação de José Reis com seu estilo mobilizador, por meio da *Folha de S. Paulo* e em conjunto com o Ibecc, foi fundamental no sucesso da iniciativa das feiras e na sua popularização. Observamos que seus textos empregavam um tom estimulante e otimista com relação às potencialidades das feiras. Por meio deles, Reis impulsionou e unificou uma série de esforços individuais naquilo que chamou de “o movimento das feiras de ciências”. Sua presença e seu prestígio como cientista, divulgador científico e em meios políticos também foram fundamentais para a rápida ramificação das feiras. A trajetória de Reis mostra a atuação de um personagem polivalente na história da ciência, da divulgação científica e no ensino de ciências no Brasil.

Baseando-se inicialmente no modelo norte-americano, Reis preconizou o “movimento das feiras de ciência” como uma iniciativa de renovação pedagógica que deveria reunir vários atores sociais – professores, educadores, divulgadores científicos e estudantes (na qualidade de protagonistas) – com colaboração e financiamento de instituições de apoio ao ensino de ciência, como o Ibecc e os Centros de Ciências, dos jornais, do governo, da indústria e do comércio nacionais. Reis vislumbrava as feiras de ciências como atividades extracurriculares, paralelas e complementares ao ensino formal, que ele considerava defasado e desestimulante aos alunos, além de uma importante ferramenta de engajamento dos jovens nas carreiras científicas, contribuindo na ampliação da comunidade científica e no desenvolvimento nacional, observado como intimamente ligado ao desenvolvimento científico e tecnológico.

Com a saída de Reis da direção da *Folha* em 1967, praticamente cessou, por dois anos, a cobertura e o apoio que o jornal dava às feiras, ao contrário do restante dos jornais, que cobriram extensivamente a Feira Nacional de Ciências, em 1969.⁹ Em 1970, entretanto, a *Folha* retomou uma extensa cobertura das feiras de ciências, possivelmente ainda sob a influência de Reis, focando menos no interior do estado, como no ciclo anterior, e mais nas escolas da capital paulista. Promover feiras de ciências passou a ser um diferencial pedagógico das escolas, em especial das particulares, que incluíam as feiras em suas propagandas nos jornais.

Na primeira metade da década de 1980, as feiras começaram a perder presença nos jornais e em iniciativas institucionais. Entretanto, nas palavras de Ormastroni, em texto publicado em 1983, elas já seriam uma “tradição” consolidada em algumas escolas do ensino básico brasileiro (A tradição..., 1983, p. 3). A semente já estava lançada e o nome de José Reis, como pioneiro da iniciativa, ficaria marcado na (ainda pouco conhecida) história da divulgação científica brasileira. Mais recentemente, as feiras ganharam novo fôlego e têm sido sistematicamente realizadas em todo o país (Mancuso e Leite Filho, 2006).

9 Conferir Gráfico 1.

Referências bibliográficas

- A ALEGRIA de aprender, fazendo. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 8, 6 dez. 1953.
- ABRANTES, A.C.S. *Ciência, educação e sociedade: o caso do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc) e da Fundação Brasileira de Ensino de Ciências (Funbec)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2008.
- ALMEIDA, A.J.S. *“Pelo Senhor, marchamos”*: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.
- APLAUSOS na Assembleia à “Folha” e a José Reis. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 6, 9 maio 1965.
- A TRADIÇÃO das feiras de ciências. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folhinha, p. 3, 20 nov. 1983.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Bourdieu – sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39)
- BURLAMAQUI, M.M. *Escritos de um caixeiro-viajante das ciências: as publicações de José Reis no Grupo Folha (1947-2002)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BURLAMAQUI, M.M.; MASSARANI, L.; MOREIRA, I.C. José Reis e a ciência brasileira: escritos nos jornais do Grupo Folha (1947-1963). *Comunicação & Sociedade*, v. 39, n. 2, p. 185-208, 2017.
- CASSAB, M. O movimento renovador do ensino das ciências: entre renovar a escola secundária e assegurar o prestígio social da ciência. *Tempos e Espaços em Educação*, v. 8, n.16, p.19-35, 2015.
- ESTUDA-SE a regulamentação das feiras de ciências. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 11, 16 nov. 1965.
- EXPOSIÇÃO de ciências. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 4, 7 jun. 1965.
- EXPOSIÇÕES de ciências. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 4, 29 jul. 1965.
- FEIRA de ciência. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 4, 1º nov. 1963.
- FEIRAS e burocracia. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 4, 19 nov. 1965a.
- FEIRAS de ciência. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 4, 14 abr. 1965b.
- FEIRAS de ciência. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 4, 21 nov. 1965c.
- MAGALHÃES, D.; MASSARANI, L.; NORBERTO ROCHA, J. 50 anos da I Feira Nacional de Ciências (1969) no Brasil. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, v. 8, n. 2, p. 185-202, 2019.
- MAGALHÃES, D.; MASSARANI, L.; NORBERTO ROCHA, J. A Feira de Ciências de São Paulo na imprensa brasileira (1960-1976). *Cadernos de História da Educação*, v. 22, p. 1-22, e168, 2023.
- MAIS cérebros para a ciência. *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 1, 5 ago. 1956.
- MANCUSO, R.; LEITE FILHO, I. Feiras de ciências no Brasil: uma trajetória de quatro décadas. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Programa Nacional de Apoio às Feiras de Ciências da Educação Básica*. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EnsMed/fenaceb.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.
- MASSARANI, L.; ALVES, J.P. A visão de divulgação científica de José Reis. *Ciência e Cultura*, v.71, n.1, p. 56-59, 2019.
- MASSARANI, L.; BURLAMAQUI, M.M.; PASSOS, J. *José Reis: caixeiro-viajante da ciência*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018.
- MASSARANI, L.; DIAS, E.M.S. (org.). *José Reis: reflexões sobre a divulgação científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018.

- MASSARANI, L.; MAGALHÃES, D. A atuação de José Reis (1907-2002) no Brasil: ciência e divulgação científica nos trilhos do desenvolvimento nacional. *Ciência & Cultura*, v. 74, p. 1-4, 2022.
- MENDES, M.F.A. *Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.
- MOREIRA, I.C. A ciência, a ditadura e os físicos. *Ciência e Cultura*, versão online, v. 66, n. 4, 2014.
- MOTTA, R.P.S. A ditadura nas universidades: repressão, modernização e acomodação. *Ciência e Cultura*, versão online, v. 66, n. 4, 2014.
- NUNES, O.J. *A trajetória do texto de José Reis no percurso da divulgação científica, 1929-2000: uma contribuição para o estudo da formação histórica da divulgação científica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- NUNES, O.J. Feira de ideias. In: KREINZ, G.; PAVAN, C.; MARCONDES FILHO, C. *Feiras de Reis: cem anos de divulgação científica no Brasil: homenagem a José Reis*. São Paulo: Núcleo José Reis de Divulgação Científica-ECA/USP, 2007. p. 93-106.
- ORMASTRONI, M.J. Entrevista concedida a Luisa Massarani e Ildeu de Castro Moreira. 2004. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=95&sid=31>. Acesso em: 10 set. 2024.
- PAVAN, C. Divulgação científica e ensino: funções. In: KREINZ, G.; PAVAN, C.; MARCONDES FILHO, C. *Feiras de Reis: cem anos de divulgação científica no Brasil: homenagem a José Reis*. São Paulo: Núcleo José Reis de Divulgação Científica-ECA/USP, 2007. p. 69-82.
- PROJETO na Assembleia concede 10 milhões às feiras de ciências. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 7, 11 abr. 1965.
- REIS, J. Em busca do talento científico. *Folha da Manhã* (São Paulo), p. 4, 26 jul. 1948.
- REIS, J. Daqui e de longe. *Folha da Manhã* (São Paulo), p. 67, 8 abr. 1956a.
- REIS, J. Daqui e de longe. *Folha da Manhã* (São Paulo), p. 75, 24 jun. 1956b.
- REIS, J. Daqui e de longe. *Folha da Manhã* (São Paulo), p. 9, 9 dez. 1956c.
- REIS, J. Presidente Prudente testemunhou o interesse educativo e social das feiras de ciência. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 3 nov. 1963.
- REIS, J. Depoimento de um “caixeiro-viajante” da ciência. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 27 set. 1964.
- REIS, J. O “caixeiro-viajante” da ciência fala de suas experiências. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 16 maio 1965a.
- REIS, J. O caixeiro-viajante da ciência fala dos dias em que esteve parado. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 17 out. 1965b.
- REIS, J. Fim de ano, o caixeiro-viajante para e dá balanço. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 18 dez. 1966a.
- REIS, J. Mais uma conversa de caixeiro-viajante. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 11 set. 1966b.
- REIS, J. A ciência andou quase 21 mil km. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 22 jan. 1967.
- REIS, J. *Educação é investimento*. São Paulo: Ibrasa, 1968.
- REIS, J. Teremos feiras de ciências nacionais. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, Folha Ilustrada, p. 1, 11 maio 1969.
- REIS, J. Depoimento: o caminho de um divulgador (1982). In: MASSARANI, L.; DIAS, E. M. S. (orgs.). *José Reis: reflexões sobre a divulgação científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018. p. 87-126.
- REIS, J. Feiras de ciência: uma revolução pedagógica (1965). In: MASSARANI, L.; DIAS, E. M. S. (orgs.). *José Reis: reflexões sobre a divulgação científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018. p. 133-151.

- REIS, J.; GONÇALVES, N.L. Veículos de divulgação científica. In: KREINZ, G.; PAVAN, C. (orgs.). *Os donos da paisagem: estudos sobre divulgação científica*. São Paulo: Núcleo José Reis de Divulgação Científica-ECA/USP, 2000. p. 7-69.
- SOUSA JÚNIOR, V.G. *Os editoriais da Folha de S.Paulo: evidências de uma solução bonapartista para a crise (1963-1964)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SILVA, T.R.; SILVA, B.R. "Que surjam os cientistas de amanhã": divulgação científica e ensino das ciências em jornais de São Paulo (1957-1963). *Actio: Docência em Ciências*, v. 6, n. 3, p. 1-21, 2021.
- TERZIAN, S.G. *Science education and citizenship: fairs, clubs, and talent searches for American youth, 1918-1958*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- TERZIAN, S.G.; SHAPIRO, L. Corporate science education: Westinghouse and the value of science in mid-twentieth century America. *Public Understanding of Science*, v. 24, n. 2, p. 147-166, 2013.
- VALLA, D.F.; ROQUETTE, D.A.G.; GOMES, M.M.; FERREIRA, M.S. Disciplina escolar Ciências: inovações curriculares nos anos de 1950-1970. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 20, n. 2, p. 377-391, 2014.

Recebido em 11/09/2024

Aceito em 25/08/2025